

O LUGAR DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM – AVA NA EaD: O AVA COMO FACILITADOR DESTA MODALIDADE

Soraya Mitsy Pereira Hamasaki - UFES

Resumo

Este artigo apresenta de forma breve o funcionamento do curso de Artes Visuais modalidade a distância na Universidade Federal do Espírito Santo, enfocando principalmente o processo de interação entre tutores e alunos e a construção do conhecimento, que é realizado a partir do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, em que este ambiente virtual se torna um facilitador deste processo, pois nesta modalidade o AVA se torna um espaço deste processo. A partir desta análise enfoco o processo de virtualização, utilizando Lévy (1996), analisando algumas características da EaD como a questão do espaço e do tempo nesta modalidade. Além disso, apresento como ocorre o processo avaliativo de um curso a distância, de uma disciplina – Cerâmica, caracterizada como uma disciplina de “*atelier*”.

Palavras-chave: Educação a Distância; Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA; Artes Visuais.

Abstract

This article will briefly introduce the workings of the Visual Arts course distance modality at the Federal University of Espirito Santo, focusing primarily on the process of interaction between tutors and students and the construction of knowledge, that is done from the Virtual Learning Environment - VLE In this virtual environment becomes a facilitator of this process, because in this mode, the AVA becomes a space of this process. From this analysis I focus on the virtualization process, using Lévy (1996), analyzing some characteristics of distance education as the question of space and time in this mode. Moreover, he presents the evaluation process occurs as a distance learning course in a discipline - Ceramics, characterized as a discipline of "studio".

Key words: Distance Education; Virtual Learning Environment - VLE; Visual Arts.

Introdução:

Diferente do ensino presencial, o processo de aprendizagem na Educação a Distância (EaD) proporciona ao aluno um papel fundamental para a construção e apropriação do conhecimento, pois amparado pela mediação que ocorre no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), nos encontros presenciais e pelo material

didático produzido pelo professor, este aluno possui recursos para uma aprendizagem mais autônoma.

Portanto, esta autonomia deve ser consequência de muita disciplina e empenho, tanto do professor e do tutor quanto do aluno, pois o sentido de autonomia na EaD supera a prática de ensino centrada em um indivíduo - no caso o professor, que transmite o conteúdo - numa visão fragmentada e reprodutora do conhecimento, e pressupõe uma construção individual e conjunta ao mesmo tempo, numa relação social de constante interação.

Esta autonomia busca auxiliar o aluno na construção e significação do seu conhecimento, através de relações interativas que criam novas situações de aprendizagem, desconstruindo o espaço formal e tradicional de ensino, pois, por meio de experiências interativas, ocorre o processo de deslocamento, ou seja, o rompimento de fronteiras da educação para além dos limites da sala de aula. Neste contexto, a *interação*¹ é um fator importante nesta modalidade de ensino, na qual a *hipermídia*² - permite a navegação de maneira não linear pelos conteúdos multimídias e propicia a integração de diversas linguagens no processo de ensino e aprendizagem, onde uma informação pode ser apresentada sob diferentes formatos, ampliando as possibilidades de aprendizagem, de leitura e de significação.

Dessa forma, o uso de recursos interativos no AVA permite a construção do conhecimento através da interação entre alunos, professores e tutores, e entre os próprios alunos, numa relação que se dá em rede, em que cada um dos atores desempenha determinado papel neste processo.

E pela mediação deste suporte tecnológico que é o computador, o hipertexto se apresenta a cada aluno e contribui para a construção do conhecimento através da navegação e interação que é realizada por estes alunos. E é a partir deste ato comunicativo interativo entre os sujeitos neste espaço virtual que ocorre o processo de construção do conhecimento, através da interação entre estes sujeitos, mediados pelas propostas das disciplinas do curso.

Como então são ofertadas as disciplinas ditas *de Atelier* e de um curso de Artes Visuais nesta modalidade?

A partir desta questão, este artigo realiza uma breve análise da Disciplina Cerâmica, do Curso de Artes Visuais a Distância na Universidade Federal do Espírito Santo, observando de que forma esta disciplina é apresentada e como ocorre a interação entre alunos, professores e tutores no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA. Partindo do princípio de que no AVA, este percurso de sensibilização e construção do conhecimento do aluno, ocorre de maneira diferenciada do espaço formal (sala de aula), de modo que a questão da visualidade, a questão do tempo, da presença e do espaço são percebidos de maneira diferente neste espaço.

A Educação a Distância – EaD e o AVA como mediador:

A EaD é uma modalidade educativa que não visa substituir a educação tradicional, mas que busca um processo de ensino e aprendizagem centrado no aluno, na qual o tutor é responsável pelo contato direto e imediato com os alunos e pela interação destes. Dessa maneira, o tutor deve ter o domínio do conteúdo científico ao mesmo tempo em que deve ter habilidade para estimular a busca pelas respostas dos alunos, orientando e apoiando a aprendizagem dos estudantes.

Na EaD, o AVA a construção do conhecimento ocorre sem a necessidade da relação presencial entre o professor e o aluno, pois este ambiente possibilita a comunicação entre os sujeitos envolvidos neste “espaço virtual” que simula ambientações diferenciadas, desde uma sala de aula, até uma galeria ou um corredor de uma escola, por exemplo, como o lugar das conversas paralelas, entre outras possibilidades. E é neste espaço (AVA) que ocorrem as interações entre os sujeitos (professores, alunos, tutores, coordenadores entre outros) envolvidos no curso numa temporalidade do “agora”, a cada momento em que estes sujeitos interagem, ou mesmo a cada momento em que assistem uma web conferência, ou um vídeo tutorial, simulando um estar presente destes atores neste ambiente.

Nesta modalidade de ensino existe o espaço real, que é o local dos encontros dos alunos nos Polos, e o espaço virtual, que é a plataforma virtual, o AVA. A interação ocorre de maneira diferente nestes dois ambientes.

[...] a reação do estudante diante do conteúdo vem indiretamente ao docente através dos tutores e a interação em sala de aula é, em grande

parte, minimizada. Um paradigma inovador se incorporou à idéia da EaD, que é a noção de tempo e espaço diferenciados do ensino presencial. A tutoria passa então a garantir o tempo de cada cursista, respeitando sua diversidade e particularidades: estudantes e/ou comunidades de aprendizagem. O processo dialógico que se estabelece entre cursista e tutor é único e de maneira diferente do que é estabelecido nas relações educacionais do sistema presencial. Desta forma, o papel do tutor e a sua ação educativa estão diretamente articulados à compreensão do significado que se tem sobre EaD. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2011, p.45)

É importante ressaltar que, mesmo possuindo características diferentes do ensino presencial, o ambiente virtual não deve ser caracterizado de forma autônoma, pois apesar de constatarmos que os aparatos tecnológicos (internet, computador) ressignificam os campos da comunicação e da cultura, delineando modos singulares de produção e consumo de informações, estes suportes (computador, internet) são empregados em função de seu uso social, propiciando uma nova significação nas interações entre os sujeitos envolvidos neste processo.

A percepção do espaço no AVA e a interação, por exemplo, propõem uma noção de tempo e espaço que permitem que este espaço (AVA) seja usado a qualquer tempo (o tempo do sujeito). Nesse sentido, a interatividade e a virtualidade podem ser consideradas como uma existência potencial.

Dentro desta perspectiva, há deslocamentos e rupturas relacionadas ao ensino presencial, onde o AVA se torna um ambiente interativo, cooperativo e descentralizado, promovendo a construção do conhecimento.

O ensino de arte: do atelier à EaD:

As primeiras escolas de arte foram estabelecidas em 400 a.C. na Grécia, de acordo com Platão. No entanto constatamos que a forma mais utilizada de trabalho e aprendizado para artistas europeus da Idade Média ao século XVIII e XIX, aproximadamente, foi por meio dos ateliers. A palavra atelier é de origem francesa e é usada no contexto das artes principalmente para designar uma oficina ou o espaço de produção de um artista. Historicamente nos ateliers existia um mestre principal e um número de assistentes, alunos e aprendizes trabalharam juntos produzindo peças que geralmente eram assinadas pelo mestre.

Neste ambiente o conhecimento era transmitido pelos mestres aos aprendizes no seu interior, em um ambiente particular e reservado. Esse sistema foi gradualmente substituído pelas Corporações de Ofícios, caracterizadas também como *Guildas* ou Confrarias, que foram organizações que detinham o monopólio do exercício de determinadas profissões (como os ourives, por exemplo) e das técnicas a elas associadas. Posteriormente a academia³ tornou-se um método superior de formação, apesar de muitos artistas continuarem a usar os alunos e assistentes, alguns pagos pelo artista, outros pagando taxas para aprender.

De acordo com Osborne (1978):

De um modo geral, todavia, o artista na Antiguidade era tratado como um trabalhador e foi essa posição durante toda a Idade-Média. [...] a escultura e a pintura pertenciam às “artes sórdidas” e aqueles que as praticavam, classificados entre os trabalhadores manuais ou artífices, eram membros, freqüentemente, das guildas de artesãos. Em Bruxelas se associavam aos ourives, em Bruges aos açougueiros, em Florença aos boticários e comerciantes de especiarias (*speziali*). Com o passar do tempo, os artistas organizaram confraternidades próprias. (OSBORNE, 1978,p.40)

Observamos que a Arte e o seu ensino sofreram muitas variações, principalmente relacionadas ao método de ensino e aprendizado e, se compararmos o método de *atelier* à EaD, veremos que embora os métodos variem, a maioria dos estudantes seja em *ateliers*, seja no ensino a distância buscam o conhecimento através de uma formação pertinente e contextualizada em arte.

E considerando as mudanças que ocorrem em todo processo da civilização, devemos distinguir as diferenças existentes entre estas duas modalidades de ensino, ressaltando que a prática de atelier se aproxima do ensino presencial à medida que a EaD envolve outras questões, com o entendimento do processo de virtualização, por exemplo.

A palavra virtual origina-se do latim medieval *virtualis*, que deriva de *virtus*, que significa força, potência. Nesse sentido, de acordo com Lévy (1996), o virtual não seria o oposto ao real, entretanto o virtual pode ser oposto ao atual, porque o virtual carrega uma potência de ser, enquanto o atual já é (ser).

Este termo *virtual* geralmente é usado para caracterizar os sistemas de colaboração em rede, como o AVA, por exemplo. O termo também é muito utilizado para designar sistemas de animação tridimensional em tempo real, ou seja, a *realidade virtual*.

Na virtualização há um desprendimento do aqui e agora, num processo de *desterritorialização* que não devemos confundir como ausência de existência, pois a virtualização ressalta a não presença do sujeito - se enfocarmos a questão do espaço-tempo, fato que não significa a ausência do sujeito.

Neste processo de virtualização na EaD, o ambiente escolar se transforma em um processo no qual o mediador é o computador – o AVA, e o professor, através deste suporte, coordena e delega para os tutores presenciais e a distância, as orientações aos alunos. E através do virtual, que se encontra num suporte material (o computador), é possível para os alunos, em diferentes espaços e tempos, obter várias informações e, ao mesmo tempo interagir com outras pessoas, outros alunos, professores, tutores. Nesse sentido, o virtual também pode ser entendido como um processo acolhimento e interação.

Para este autor Lévy (1996), existem diversas modalidades de virtualização, portanto “[...] devemos distinguir entre uma virtualização em curso de invenção, de um lado, e suas caricaturas alienantes, reificantes e desqualificantes, de outro. (LEVY, 1996, p. 12)

Neste ambiente virtual, o hipertexto se estende a cada aluno, contribuindo para a construção do conhecimento através da navegação e interação no AVA.

O hipertexto não possui um lugar fixo, apesar de possuir um endereço eletrônico. Dessa forma, no processo de virtualização, apesar da desterritorialização, da não presença física, forma-se uma comunidade em que seus integrantes se agrupam por afinidades em busca de interesses parecidos.

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. (LÉVY, 1996, p. 20)

Mas ao mesmo tempo não há uma autonomia em relação ao espaço-tempo de referência, pois neste AVA as atividades têm prazos definidos de realização previstos no calendário e definidos pelo professor e pelo curso.

Ainda Lévy (1996) ponderando sobre a questão do espaço-tempo, afirma:

Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. (LÉVY, 1996, p. 21)

Frente a essa relação mediada pelo AVA, como ocorre o processo de ensino e aprendizagem de uma disciplina, como a Cerâmica, por exemplo, na qual o sujeito precisa redefinir suas ações, seus atos diante deste novo delineamento proposto pela EaD?

Para entender esta questão, é necessário apresentar, de maneira breve, o processo da disciplina Cerâmica modalidade a distância na Universidade Federal do Espírito Santo.

O modelo adotado no curso de Artes Visuais na UFES é o semi-presencial, ou seja, parte do curso acontece em encontros presenciais, semanalmente com o tutor presencial nos Pólos Municipais, e outra parte ocorre a distância, geralmente mediada pelo tutor a distância e pelo uso dos meios tecnológicos (computador, AVA, videoconferências, vídeo aulas, etc.). Cada disciplina possui um material didático que visa orientar e auxiliar o percurso do aluno. Este material didático fornecido aos alunos é extremamente importante neste processo, pois orienta e direciona os estudos.

A estrutura é formada por um professor especialista - responsável pela disciplina ministrada; pelos tutores a distância que auxiliam os professores especialistas na orientação das atividades propostas no AVA, no diálogo com o tutor presencial e quando necessário assessorar as atividades técnicas realizadas nos Polos de Encontro; e pelos tutores presenciais que realizam os encontros presenciais nas oficinas e em grupos de estudo.

Para a disciplina Cerâmica, cada Pólo possui um forno cerâmico e um torno, para o desenvolvimento da disciplina.

Apesar da virtualização se caracterizar pela relação “fluidificada” - termo utilizado por Lévy (1996), que, grosso modo, remete à fluidez no sentido de tomar formas diferentes de acordo com o contexto e apresentar uma tendência ao movimento - há um conjunto de iniciativas, como os encontros presenciais, que potencializam o sentimento de pertencimento deste aluno à Universidade, ao mesmo tempo em que possibilitam o aprendizado de uma disciplina manual, como por exemplo, utilizar o torno.

Antes do início da disciplina há uma orientação do professor especialista para os tutores presenciais e a distância numa reunião em que este professor apresenta a disciplina, discorrendo sobre todo o seu processo (atividades, prazos, referencial teórico).

Quando a disciplina entra em atividade no ambiente virtual, os alunos são orientados pelos tutores nas reuniões semanais presenciais nos Polos, e pelos tutores a distância através do AVA por meio de videoconferências, vídeotutoriais, mensagens postadas nos fóruns e individualmente, quando necessário.

A partir destas orientações os alunos desenvolvem suas atividades a partir do que foi proposto pelo professor, algumas atividades são desenvolvidas em grupos ou individualmente no Polos ou em outro ambiente, na casa do aluno, por exemplo.

Sobre a metodologia a ser utilizada pelos tutores e demais envolvidos nesta modalidade, podemos afirmar que não existe um modelo único a ser seguido, pois esta prática é um caminho de mão dupla, que se constrói na medida em que ocorre o processo, portanto, a metodologia vai se construindo durante todo o processo, e de acordo com o *feedback* dos alunos, dessa forma, realmente todos participam desta construção. Sobre este aspecto Costa (2006) afirma:

Trabalhar com novas tecnologias e educação a distância implica planejamento tático e estratégico, pois, como vimos, trata-se do uso de novas linguagens e diferente relacionamento entre professor e aluno. Assim, impossível improvisar. [...]

Os bons resultados das atividades de educação a distância dependem, muitas vezes, de sério trabalho presencial – estabelecimento de relações de contato e compromisso com o trabalho, tradição da instituição que realiza a experiência e alto grau de motivação de professor e alunos em torno dos objetivos a serem alcançados. Infelizmente, tudo isso depende de um forte e contínuo trabalho aqui, agora e sempre. [...]

Sendo a educação a distância um trabalho de ensino/aprendizagem que exige forte motivação do aluno e capacitação do professor, além de certo

grau de disciplina de ambos, os bons resultados estão atrelados à maturidade dos envolvidos – alunos, técnicos, monitores e professores. Assim, os resultados serão tão melhores quanto mais alto for o grau de formação em que se insere o curso. (COSTA, 2006, pp.272-273)

Neste aspecto, o ensino e o aprendizado devem ser percebidos como um processo de busca, respeito e comunicação, principalmente nesta modalidade de ensino, na qual a interação estabelecida entre tutores e alunos, é de fundamental importância para o sucesso ou fracasso desta modalidade.

Sobre este aspecto, Belloni (2009) afirma:

Em qualquer situação educacional, e muito especialmente em EaD, a aprendizagem efetiva é necessariamente ativa, sabemos disso há muito tempo. Para ir além das afirmações puramente retóricas, porém, será necessário que os professores (os “da academia”) que elaboram metodologias e/ou as aplicam considerem efetivamente que, embora seja o professor quem realiza o “trabalho observável” de definir e distribuir o currículo, quem realiza a aprendizagem é o aluno. (BELLONI, 2009, p. 42)

Ou seja, é preciso que se estabeleça de fato a idéia de aprendizagem autônoma, ou melhor, uma aprendizagem aberta, centrada no aluno, que contribua de fato para a construção colaborativa do conhecimento e que seja pensada e planejada para este fim.

De acordo com os Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância (2007):

De todo modo, o ponto focal da educação superior, seja ela presencial ou a distância, nas inúmeras combinações possíveis entre presença, presença virtual e distância – é o desenvolvimento humano, em uma perspectiva de compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa. Daí a importância da educação superior ser baseada em um projeto pedagógico e em uma organização curricular inovadora, que favoreçam a integração entre os conteúdos e suas metodologias, bem como o diálogo do estudante consigo mesmo (e sua cultura), com os outros (e suas culturas) e com o conhecimento historicamente acumulado. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria de Educação a Distância, 2007, p.9)

A Avaliação em um curso de Artes Visuais modalidade a distância:

As atividades propostas no AVA aproximam o tutor e o aluno, pois a relação se torna individualizada, onde este tutor orienta e realiza os retornos das atividades. Este fato nos mostra que a prática de EaD torna a realização das atividades num

verdadeiro processo de aprendizagem, do qual a avaliação é apenas uma das etapas.

Consequentemente, a avaliação na EaD, em Ambientes Virtuais de Aprendizagem deve contemplar eficientes propostas de navegação, dentre as quais podemos citar, a coleta e registro de dados, a análise das mensagens postadas nos fóruns e o mapeamento dos conceitos construídos. Estes são alguns dos meios pelos quais o tutor pode avaliar a aprendizagem do aluno e o seu desempenho ao longo do curso.

No Curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Espírito Santo – modalidade a distância esta avaliação compreende mais de uma etapa, ou seja: temos dois níveis de avaliação, uma de nível 1 e outra de nível 2. Esta avaliação é realizada individualmente pelos dois tutores (presencial e a distância).

Apresentando de forma breve, num primeiro momento ocorre uma avaliação formativa, que observa todo o processo e envolvimento do aluno. Num segundo momento acontece a avaliação somativa, que é o resultado de tudo que o aluno desenvolveu durante o curso, observando em que medida o aluno está acompanhando o conteúdo proposto. Isto se dá por meio das avaliações formais (escritas e/ou práticas).

Dentro deste contexto, não avaliamos só o resultado final, mas, através do acompanhamento e observação do percurso do aluno, avaliamos todo o processo. Os dois níveis de avaliação são registrados no AVA pelos tutores presenciais e a distância. Caso o aluno não tenha o desempenho desejado, ele é aconselhado a refazer alguns percursos de estudo.

Também é importante analisar o contexto no qual a avaliação está inserida, respeitando a heterogeneidade de seus integrantes, além de considerar a bagagem cultural dos alunos. Outro fator importante na EaD é a rapidez do retorno às dúvidas e questionamentos dos alunos. O tutor deve entender a linguagem do aluno, motivá-lo e respeitar a diversidade cultural, tão presente em nosso país.

Além disso, avaliação no curso de Cerâmica, por exemplo, abrange a análise visual de objetos tridimensionais através de uma plataforma digital que os apresenta bidimensionalmente. E se não consideramos o processo de construção destes

trabalhos, observando claro, os critérios a serem atingidos, esta avaliação pode não ser um aliado neste processo.

A partir desta perspectiva, é preciso acreditar nesta modalidade de ensino, inclusive no processo avaliativo que deve agregar e não excluir, como temos visto em vários exemplos de nossa história e contexto educacional. Nesse sentido a avaliação, no ensino a distância, não deve excluir, isolar e/ou rotular os alunos, mas deve diagnosticar o aprendizado e verificar se os objetivos propostos pelo curso estão sendo alcançados pelos alunos.

Considerações Finais:

Nesta breve apresentação de como a disciplina Cerâmica é desenvolvida a distância, intermediada pelo AVA, verificamos que o processo de interação que ocorre entre professor, tutor e aluno para a construção da rede de significações que surgem através de um ambiente virtual é importante para constatar se esta modalidade de ensino alcança os objetivos educacionais propostos, ou seja, se o aluno - mediado pelo uso de novas tecnologias, que remodelam algumas atividades como a percepção, a linguagem e o conhecimento - torna-se capaz de atuar de forma crítica e emancipada na sociedade.

Nesse sentido, a EaD deve estar fundamentada em parâmetros educacionais consistentes e também emancipatórios em prol de uma formação séria e qualificada, além de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais que se por uma lado possuam as competências necessárias para lidar com a tecnologia, por outro tenham o compromisso com uma formação de educador investigativo e crítico.

Estas são algumas questões levantadas sobre a EaD, principalmente quando comparamos e/ou relacionamos esta modalidade de ensino aos suportes tradicionais de aprendizagem, que geralmente se constituem por processos onde a hierarquia, a linearidade, a imperatividade e a diretividade ainda estão presentes.

Trata-se de uma modalidade nova de ensino, por isso necessita destas pesquisas e reflexões sobre o seu funcionamento, principalmente em relação à avaliação. E é de

nossa responsabilidade, que atuamos diretamente com o aluno e, dessa forma, temos meios para diagnosticar todo o processo de ensino e aprendizagem nesta modalidade.

Nesse sentido, é preciso perceber e estar atento às nuances que compõem o processo educativo, à diversidade que deve ser respeitada em todas as suas formas apresentadas de imprevisibilidade e heterogeneidade, fatores presentes na subjetividade humana.

E é preciso uma prática pedagógica que possibilite a todos os sujeitos envolvidos participar deste processo, transformando o sujeito que recebe a informação, de forma passiva, num sujeito ativo e atuante, que possa realizar as experiências por si.

Para podermos enxergar todas as possibilidades possíveis de existência, de porvir, pois só assim a escola pode ser um espaço de transformação, de diversidade, de exercício de criatividade e de imprevisibilidade, fatores presentes na subjetividade humana.

PRETI (2005) afirma:

Portanto, os movimentos de renovação pedagógica ou de inovações educativas e de expansão da EaD não podem ser percebidos ou analisados como sendo determinados por simples “diretrizes governamentais”, resultado da vontade dos governantes, pois estão enraizados na cultura e nas experiências locais, nos processos sociais de democratização, nas lutas e nos embates dos movimentos sociais e das organizações dos profissionais da educação e de organismos políticos. [...]

Por isso, nosso olhar não pode se fechar, se delimitar ao espaço escolar (a programas, a cursos, ao alunos como “aluno”); deve ultrapassar os muros, as cercas das instituições escolares e se estender à vida, ao cotidiano dos sujeitos envolvidos (sujeitos de direitos, de história, de intervenção, com suas diferenças, e que têm um rosto, um nome e uma história). [...]

Temos que recuperar os vínculos entre educação, trabalho, produção, vida cotidiana e existência, Aí é que está o educativo e o formativo. Eles se dão, não importa se de maneira presencial ou a distância. (PRETI, 2005, p.43-44)

¹ A interação é entendida aqui como ação conjunta para a construção de sentidos.

² Hipermídia refere-se ao hipertexto, às multimídias, às tecnologias de vídeo, às videoconferências, aos ambientes colaborativos (fóruns de discussão, por exemplo), todos presentes no AVA.

³ Na Europa, o Renascimento instituiu um movimento para aumentar o prestígio do artista levando a criação de academias de formação para os artistas.

Referências:

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 5ª Edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **O que aprendi com educação a distância**. In: Revista Comunicação & Educação. Nº 2. São Paulo. Maio/Ago, 2006.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação a Distância. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. Brasília, 2007.

OSBORNE, Harold. **Estética e Teoria da Arte: Uma introdução histórica**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 3ª Edição. Editora Cultrix: São Paulo, 1978.

PRETI, Oresti (Org.). **Educação a Distância: Sobre discursos e práticas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Núcleo de Educação a Distância. **Curso de Capacitação de Tutores em EAD**. s/d. Disponível em: <http://ead.uepb.edu.br/ava2/mod/resource/view.php?id=315>. Acesso em 20/04/2011.

Soraya Mitsy Pereira Hamasaki

Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte Educação e Ensino a Distância. Atualmente é mestranda em Educação - PPGE/UFES, na linha de pesquisa Educação e Linguagens.